

# Dos sintomas aos programas de estudo

*Antônio Fausto Neto\**

## **Resumo**

Discutem-se duas articulações pelas quais se pensa o estatuto da pesquisa em Comunicação: vinculando-a a fatores institucionais e questionando-a sobre aspectos epistemológicos, teóricos e metodológicos. Propõe-se que o incentivo à pesquisa deve retomar alguns sintomas diagnosticados, transformando-os em programas de estudo, na medida em que os processos midiáticos terão fortes impactos sobre novos procedimentos de investigação. Novos objetos vão emergir chamando atenção para fenômenos midiáticos em si, mas também, para a transformação desses fenômenos não só em objetos de estudos bem como para a necessidade de novos procedimentos metodológicos. A metodologia, neste caso, estaria a serviço de um trabalho que transforma os sintomas em desvendamentos sem fazer desaparecer o próprio objeto na sua relação com o protocolo metodológico. Que o objeto possa igualmente insuflar o método, levando-o a outros desvendamentos.

**Palavras-chave:** comunicação, pesquisa, metodologia.

## **Resumen**

Se discuten dos articulaciones a través de las cuales se piensa el estatuto de la investigación en Comunicación: la vinculación a factores institucionales y la indagación sobre aspectos epistemológicos, teóricos y metodológicos. Se propone que el estímulo a la investigación debe reanudar algunos síntomas diagnosticados transformándolos en planes de estudio, una vez que los procesos mediáticos tendrán fuertes impactos sobre los nuevos procedimientos de investigación. Nuevos objetos van a emerger llamando la atención para fenómenos mediáticos en si, para la transformación de esos fenómenos en objetos de estudios y para la necesidad de nuevos procedimientos metodológicos. La metodología, en este caso, estaría a ser-

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UNISINOS, São Leopoldo/RS.

vicio de un trabajo que transforma los síntomas en revelación sin hacer desaparecer el propio objeto en su relación con el protocolo metodológico. Así, el objeto, al provocar el método, deberá también someterlo a otras revelaciones.

**Palabras-clave:** comunicación, investigación, metodología.

### **Abstract**

There are two articulations that are considered through which the statute of the search in Communication is reasoned: linking it to institutional factors and questioning it regarding epistemological, theoretical and methodological aspects. It is proposed that incentives to the research should retake some diagnosed symptoms transforming them into study programs as the mediatic processes will have strong impacts on new procedures of searches. New objects will emerge getting attention for mediatic phenomena itself, and also, for the transformation of these phenomena not only in objects of studies as well as for the need of new methodological procedures. The methodology, in this case, would be at service of a task that transforms the unveiling symptoms without doing the own object to disappear in its relation with the methodological protocol. May the object equally insufflate the method, taking it into other unveiling ones.

**Keywords:** communication, research, methodology.

### **Introdução**

As reflexões que se seguem não se situam necessariamente no território do debate teórico-epistemológico onde se produzem, estimulantes e divergentes questões como a revisitada discussão do objeto da comunicação; identidade da área; natureza do campo; autonomia da comunicação como ciência e o estatuto da (possível) ciência da comunicação no âmbito das problemáticas que envolvem os temas da inter e da transdisciplinaridade, etc. Sobre este aspecto, uma observação de passagem: o debate a respeito destes temas ganha hoje importância muito mais pelas injunções e repercussões das “políticas de áreas” desenvolvidas por agências institucionais que orientam, coordenam, financiam e avaliam as políticas de produção de conhecimento e de pesquisa, do que pelas auto-

reflexões esboçadas a partir das práticas científicas e de investigação do âmbito universitário. É possível também que haja momentos nos quais se cruzam os interesses e preocupações da área científica e das agências, mas deve ser salientada a permanência das agendas dos organismos fiscalizatórios e regulatórios.

Estas esclarecimentos são feitas para lembrar a importância que tem o exame das condições de produção da atividade científica, cujos fatos aparecem, às vezes, naturalizados. Este aspecto, por si só, seria um tema de um outro trabalho.

Nossos objetivos se voltam aqui para pensar alguns aspectos sobre o desenvolvimento da pesquisa em comunicação, levando em consideração fatores que, além de descrever os processos e as condições do desenvolvimento da investigação, possam também destacar dimensões explicativas sobre certos incômodos que revisitam, sazonalmente, as preocupações de uns e outros, como os diagnósticos das agências financiadoras de pesquisa, e alguns níveis do debate no âmbito do campo da comunicação acadêmico, onde de alguma maneira, estas questões emergem, mesmo com baixo teor de debate. O que está em discussão são registros que apontam diferentes exames críticos sobre a qualidade da pesquisa da comunicação no Brasil, discussão que vem associada à, pelo menos, duas articulações: de um lado, vinculando a qualidade da pesquisa a fatores institucionais que demarcam, autorizam, regulam e promovem o desenvolvimento da atividade investigativa; e de outro, aos questionamentos que situam, ainda que de maneira tímida, os problemas relacionados com os desafios epistêmicos, teóricos e metodológicos que se impõem a uma determinada área/região de conhecimento. Estes dois ângulos têm suas exemplificações didatizadas num conjunto de manifestações de atores – acadêmicos e institucionais – da área de comunicação, ao revisitarem velhas, mas também ao sugerir a emergência de outras questões, ainda que de modo incipiente.

## **Sintomas, Sintomas**

Para sintetizar estas duas angulações reúne-se abaixo alguns pontos de vista aqui apontados como “sintomas” de uma

problemática, reunidos, necessariamente sem uma hierarquia de importância.

— A falta de autonomia teórica da área, segundo a histórica dependência dos fundamentos investigativos da comunicação e de suas respectivas operações metodológicas aos paradigmas epistêmicos-teóricos das Ciências Sociais, questão assim situada por Melo:<sup>1</sup> “trata-se de superar o reboquismo em relação às ciências sociais, assumindo nosso perfil de ciências sociais aplicadas e recorrendo a estratégias investigativas que permitam estocar conhecimentos capazes de melhorar a qualidade dos produtos midiáticos demandados pela sociedade”. A mesma ênfase situa-se em perspectivas comentadas por Braga,<sup>2</sup> ao discutir as fases que caracterizam a constituição do campo da comunicação. Destaca o fato de que “uma parte excessiva das contribuições para o nosso foco de interesse é gerada no âmbito de outras Ciências Humanas e Sociais (CHS); e porque uma boa parte dos próprios problemas e questões que movem o campo nos é ainda sugerida ‘de fora’ (às vezes, diretamente por transferência)”.

— A noção que responsabiliza o não avanço da pesquisa nesta área ao fato dos pesquisadores produzirem fora dos limites do seu próprio campo, posição que é explicitada na opinião do ex-representante de área junto à CAPES prof. Wilson da Silva Gomes:<sup>3</sup> “a área precisa trabalhar, precisa resolver a mania de colocar sua produção fora de sua própria área”.

— O fato de que as condições de elaboração e de implementação da pesquisa decorram mais diretamente das conseqüências dos movimentos feitos pelos processos de institucionalização da área e do campo, mediados de políticas institucionais e acadêmicas, o que Sodré<sup>4</sup> chama de “burocracia epistemológica”, do que pelas reflexões dos pesquisadores. Ou seja, uma elaboração definida mais pelas agendas das políticas institucionais do que por um diálogo e por práticas de cooperação desenvolvidas pela comunidade de pesquisadores. Sobre o primeiro aspecto, Martino observa que o saber comunicacional parece ter se desenvolvido numa direção diferente da de outros saberes e de forma bastante curiosa. Enquanto que outras disciplinas tiveram que aguardar um estado de maturidade de sua elaboração teórica para justificar os correlatos desenvolvimentos institucionais (revistas, cadeiras universitárias, facul-

dades, associações representativas, institutos de pesquisas...), a Comunicação, por sua vez seguiu um caminho inverso, de tal sorte que as instituições foram criadas antes mesmo deste saber ter sua maturidade teórica.<sup>5</sup>

Sobre o segundo aspecto, a ausência de reflexões geradas pela própria área científica, é entendida como falta de “reflexividade teórica sobre os limites do próprio campo”.

— A qualidade da própria pesquisa e os estágios por ela desenvolvidos: há muito pouco volume de pesquisa brasileira de ponta, ou seja, daquela pesquisa que seja capaz de avançar o campo do conhecimento puxando suas fronteiras e limites para além do estágio atual. [...] A maior parte da nossa pesquisa gira em torno dos mapeamentos e reconhecimentos de especialidades ou de temas. Nossos pesquisadores empregam a maior parte das suas energias pesquisando a pesquisa dada e produzida alhures, para tentar reconhecer pelo menos o *status questionis* de um objeto específico.<sup>6</sup>

### **Condensando problemáticas**

Estes diagnósticos condensam problemáticas de cinco décadas nas quais se processualiza o desenvolvimento da pesquisa, em vários estágios, modelos e embates teóricos-metodológicos, e segundo diferentes características e ângulos de orientação. No centro deles, o fenômeno comunicacional, atravessado desde seu nascedouro pela mediação de diferentes modelos explicativos, do que resulta a sua transformação em objeto de estudo, o aparecimento de disciplinas; a constituição de área de estudo; a origem a protocolos de organização institucional e administrativa da pesquisa, especialmente a emergência de programas universitários, em diferentes matizes, os de graduação voltados para cultura das habilitações e os de pós-graduação, explicitamente ambientes que lidam com a pesquisa.

Como conseqüência de algumas condições de produção da pesquisa no Brasil, a exemplo de outros países, a pesquisa em comunicação não é apenas caudatária de construções epistêmicas de outras áreas de conhecimentos mais antigas, bem como foi permeada largamente pelos problemas das culturas habilitacionais que povoaram as primeiras experiências acadêmicas, através dos

cursos de graduação. Somente num passado recente, um pouco mais de 30 anos, graças à emergência dos programas de pós-graduação, é que ela toma uma nova feição, e disso resulta a existência no atual ambiente universitário de duas culturas: uma voltada para formação habilitacional e uma segunda para a pesquisa, através de programas de capacitação da pós-graduação. Existem diagnósticos sobre estas dualidades, além de tentativas de redesenhos deste formato com o deslocamento da formação do pesquisador para graduação, através da criação de algumas experiências de novas habilitações, experimentações sobre as quais acredita-se que vai se produzir na graduação as dualidades existentes entre a pós-graduação e a graduação.

No cenário internacional mais longínquo, o processo de constituição de algumas disciplinas, que constitui pelo trabalhos de suas áreas, os novos objetos de estudos comunicacionais, é contemporâneo da própria emergência da orientação da "*mass communication*", referência que, obrigatoriamente, é atribuída à *research communication*. Ou seja, parte dos equipamentos metodológicos já estava prontos, e foi mobilizada pela "pesquisa administrativa" para lidar com a cultura de massa emergente nas décadas anteriores de desenvolvimento da pesquisa em comunicação. Isso sugere dizer que a constituição de disciplinas, seus respectivos objetos de estudo e os próprios mídias, são contemporâneos, ainda que se deva reconhecer que, num primeiro momento, parte dos equipamentos das Ciências Sociais já se encontrava pronta para lidar empírica e interpretativamente com a cultura de massa nos anos 40/50. Prontos estavam também os circuitos políticos, científicos e editoriais, espalhados pelo mundo para fazer a disseminação destes conhecimentos, na forma de textos e co-relatos, vendendo a "pesquisa administrativa" e seus paradigmas como a única referência explicativa, como ciência, a respeito dos fenômenos da comunicação de massa. Disseminava-se não só os autores, mas além dos métodos, os problemas pesquisados em contextos industriais do mundo desenvolvido que assim eram transplantados, sem mais. Daí o fato das incipientes agendas de pesquisa sobre comunicação no Brasil se encontrarem nos seus limiares, atravessadas por temas e preocupações que na prática não freqüentavam nosso nicho sócio comunicacional. Resulta que além

destes fatores, o imenso esforço empiricista em lidar com fenômenos comunicacionais, converte a "*research communication*" num lugar pioneiro. Aos seus grandes mentores, lhes é dada a nomeação de "pai fundador", o que na prática se constitui um certo reconhecimento da existência de um lugar de fundação das ciências da comunicação.

Mas, apesar destes registros, pode-se admitir que a pesquisa que transforma os processos tecno-midiáticos em objeto de estudo não se desenvolve linearmente, ainda que tenhamos a ocorrência de práticas científicas hegemônicas. Isso não quer dizer, contudo, a permanência do lugar fundante e dos efeitos de seus "mandatos". Pelo contrário, no âmbito e fora da escola funcionalista, produzem-se alternativas com outros pontos de vista, cujo efeito é o de desprotagonizar o papel do lugar fundacional. E, ao mesmo tempo, o de avocar, por deslocamentos, a existência de outros lugares investigativos que, se não disputam a paternidade, colocam em discussão outras hipóteses, para não dizer outros modelos, conseqüentemente, outros modos de examinar, em suma, de constituir o próprio fenômeno comunicacional como objeto de estudo.

Sem dúvida que as condições de constituição de uma disciplina além de estar submetida a complexos embates e ressonâncias dos *ethos* que lhes são inerentes, também estão atravessadas por complexidades de outra ordem como pelos diferentes processos de produção, se considerarmos o fato de que os discursos científicos também estão submetidos a regimes, ciclos e especificidades de realidades produtivas. Resultam de feixes de relações, do que resultam as possibilidades pelas quais o chamado discurso científico pode designar fenômenos, descrevê-los, em suma, dar aos mesmos um certo modo de existência.

Mas a investigação da comunicação, não é um "espasmo", efeitos dos ventos que são endereçados por uma determinada corrente teórica, mas conseqüência, ou ações caucionadas por dinâmicas complexas. Esta compreensão sugere admitir que a comunicação como objeto e disciplina resulta, assim, de movimentos e de processos que transcendem a noção de fundação no sentido estrito, o que também permite dizer que, como objeto de estudo, não pode permanecer à mercê de um "senhor epistemológico".

Para se entender esta outra perspectiva, qualificamos nossos entendimentos sobre a impossibilidade do conhecimento fundante. Ou seja, se considerarmos que a invenção opera num meio de operações e de entrecruzamentos complexos, a fundação deve ser compreendida como “um processo e não um acontecimento singular; não tem a unidade de um ato, cuja origem seria um agente humano singularizado; não tem a unidade de um lugar nem de um espaço, portanto, é inútil buscá-lo em alguma parte. Não estando fixada num lugar, neste caso, “a fundação pertence ao processo produtivo, um processo que atravessa os sujeitos da história”.<sup>7</sup>

Nesta perspectiva, por exemplo, as relações das Ciências Sociais com a comunicação não devem ser vistas sob a dimensão de uma subordinação, com esta última considerada uma filha mais nova da primeira. Também, deve ser recusada postura excludente e de recusa das tradições das Ciências Sociais. Não se deve entender a presença dos modelos construídos nos âmbitos das Ciências Sociais (clássicas) como um fator restritivo ao *status* da Comunicação enquanto área ou mesmo como objeto de estudo. Revisitar os clássicos não deve ser visto como uma compulsória homenagem a ser prestada às formulações por eles desenvolvidas, que por um “passe de mágica” devem obrigatoriamente freqüentar ou organizar o arsenal metodológico dos estudos da comunicação. Nem tão pouco, a recusa, pelo fato de que pensaram questões teóricas e metodológicas no âmbito de sociedades específicas. Entende-se que é a própria complexidade dos fenômenos comunicacionais, a midiaticização das instituições, suas relações e suas práticas discursivas, quem define os pedidos e as relações a serem estabelecidos com conceitos e com categorias que, embora pensadas diante de problemas de outros tempos, reúnem o que é positivo da tradição para se entender desdobramentos de fenômenos que se deslocam de tempos a outros, ou cujas ressonâncias se atualizam em novos tempos, mediante processos que tratam de reconfigurá-los.

Há estilos metodológicos da investigação em comunicação no Brasil, que têm a ver com a sua condição em que se coloca como receptora de teorias e metodologias instituídas em outras áreas, postura que está associada à falta de lastro epistêmico-teórico da própria área. Também com a falta de tradição de uma reflexividade



pela qual discuta e dialogue com outras campos e suas respectivas práticas científicas. O diálogo, assim pretendido, é transformado numa posição de demanda e que se traduz na utilização automática de formulações metodológicas, estas reduzidas ao instrumental da técnica. Sabe-se que todo método tem uma relação complexa com o campo científico e também com os objetos que “demandam” a sua intervenção, em função de suas complexidades. Significa dizer que quando o pesquisador de fenômenos midiáticos recorre, por exemplo, à etnografia, necessita levar em conta, além da complexidade do objeto, as singularidades da própria técnica demandada, especialmente as suas relações com o problema do ambiente/área científica para o qual, ou pela qual foi instituída. Além disso, lida com o desafio do inevitável deslocamento do método, de suas origens em função de adaptações às singularidades dos objetos que pedem à sua mediação, a partir, como dissemos, da sua pertença a outra realidade fenomênica.

Se tais exigências não forem levadas em conta, a modalidade mecânica de utilização do método pode gerar, como efeito, a sua sobreposição à complexidade do fenômeno. Resultaria desta operação metodológica, o trabalho de evidenciar que “o método tem razão”, em detrimento de sua efetiva capacidade de uma mediação de produção de esclarecimento com que o que é posto em relação. Vimos, acima, que esta subordinação da pesquisa do campo da comunicação ao que é sugerido “de fora” é mostrada como um problema. Entretanto, deve ser acrescentado o que torna este aspecto mais complexo é o fato da tradição investigativa da área não saber dialogar com o que se situa “fora”. Também o fato de desconhecer as próprias novas complexidades com que os fenômenos midiáticos se apresentam na sociedade, circunstância que se traduz na existência de novos cenários e processos de interação social, e conseqüentemente, novos desafios aos processos de sua compreensão.

### **Novos fenômenos, novos modos de investigar**

Os processos de investigação resultam como efeitos e/ou injunções de novos fenômenos que se estruturam e se disseminam

na sociedade. É o caso das novas modalidades de vinculação social, hoje, possibilitadas pela esfera da tecno-discursividade.

A este fenômeno, chama-se o processo de mediação que se manifesta através da atividade da cultura massiva, mas sobretudo dos dispositivos que tratam de produzir e reger um novo modo de organização societário operada pela esfera da tecno-discursividade. Há, pois, o deslocamento do *status* da técnica que deixa de se constituir um lugar de produção da representação, se convertendo no âmbito da própria organização da interação, conforme sugere Sodré.

*A palavra "organizar" surge daí como teoricamente muito importante. A idéia de organização destaca-se agora como um ponto de partida interpretativo ou epistemológico muito forte, porque a realidade midiática tem deixado mais ou menos claro que a sociabilidade não constitui uma mera zona indeterminada, a serviço da economia e da produção cultura, e sim um lugar de trânsito obrigatório entre ambas. Entre a infra-estrutura econômica e a superestrutura cultural, impõem-se estruturas mediadoras que, na verdade, controlam e organizam – muito mais do que são controladas – a economia.<sup>8</sup>*

De uma perspectiva sociológica, Rodrigues chama atenção para a especificidade do trabalho do campo dos mídias nas suas relações com os outros campos sociais: "A natureza do campo dos media, está, por conseguinte, intimamente associada ao desempenho das funções de regulação indispensáveis à gestão das relações entre os diferentes campos sociais".<sup>9</sup>

As novas formas de inserção dos dispositivos e da cultura midiática na sociedade atual, fazem com que eles se convertam em novos objetos de conhecimento. Sintomático, o fato de que, recentemente, três importantes cientistas sociais, de perspectivas diferentes tenham produzido reflexões sobre os mídias e as suas manifestações, o que não deixa de ser um sintoma dos processos através dos quais tais fenômenos vão elegendo novos formatos de pesquisas e novas formas de olhares analíticos que transcendem as fronteiras de tradicionais zonas de conhecimento.<sup>10</sup>

Assim, a mediação se converte num fenômeno social e comunicacional complexo, ao mesmo tempo que ela própria

transforma o modo de ser da sociedade onde ela opera, aspectos que por si só são suficientes para chamar atenção para a importância que isso tem sobre as transformações dos processos de investigação em comunicação.

Um conjunto de problemas e de questões se coloca nos cenários, desafiando os debates a respeito da noção de objeto, de processos metodológicos e também sobre as práticas de institucionalização da pesquisa.

Há uma série de novas relações entre os meios, as instituições e os atores sociais estruturadas pelas presenças dos processos de mediação, implicando-os a modos de agir das instituições, o que atesta não serem fenômenos distantes à própria vida do sistema e ambiente sociais. Pelo contrário, “se inserem, de maneiras específicas, nas múltiplas dinâmicas do funcionamento social, misturando-se com todos os aspectos significativos do funcionamento social.”<sup>11</sup> Ou seja, os meios permeiam as diferentes práticas sociais, embora as suas manifestações junto às mesmas sejam heterogêneas. Isso significa que a função organizadora da mediação, no sentido de prover os novos modos de interação dos campos sociais, além da importância que tem seus protocolos discursivos, converte-se em questões que pedem novas possibilidades de investigação, que levem em conta não só a complexidade da mídia, mas também o fato dos processos vinculantes e de interação entre mídias e instituições se tornarem pontos complexos “que modificarão profundamente as práticas sociais”.<sup>12</sup>

Tal cultura e seus dispositivos se impõem como novos objetos, na medida em que pedem estratégias metodológicas que dêem conta de descrever e interpretar os processos e as operações que visam à construção dos novos modos de vinculação e de interação social. Além de ser uma cultura que não só produz referências, mas se impõe como referencial.<sup>13</sup> É a própria existência dos meios, como uma nova forma de se colocar como uma atividade organizadora da interação social, quem se impõe como um fenômeno para o qual se deve redesenhar novos caminhos metodológicos e teóricos capazes de estudar suas atividades. Não se trata apenas de uma referência cultura genérica, mas como argumenta Mata:

*[...] a cultura midiática não se concebe só como um estágio avançado no intercâmbio de produtos culturais: um estágio em que se incrementaram as tecnologias e instituições destinadas à produção de mensagens e na qual se incrementou o uso e consumo destas tecnologias e meios. Consistiria, pelo contrário, um novo modo no desenho das interações, uma nova forma de estruturação das práticas sociais, marcada pela existência dos meios.<sup>14</sup>*

Realiza a midiatização operações muito complexas, transversais ao funcionamento dos espaços (social, econômico, político etc.), interferindo distintamente nas diferentes práticas institucionais e se constituindo na fonte principal de mudança social.<sup>15</sup> Ou seja, se a midiatização é um fenômeno generalizado, suas manifestações são específicas a cada espaço, daí a repercussão que isso tem sobre as pressões que faz sobre os modelos analíticos que se apresentam à tarefa de sua análise. Também ocorre dizer, diferentemente, do que propunha e mostrava a perspectiva funcionalista, que os efeitos dos processos de midiatização das instituições são mais da ordem de uma defasagem, do que da ordem da homogeneização, pela impossível convergência entre as gramáticas de produção e de reconhecimento que estruturam a produção dos discursos sociais, hoje.

## **Conclusões**

Nossa hipótese, é a de que se deve voltar menos para construção dos diagnósticos e mais para a retomada dos sintomas como “programa de estudo”. Para tanto, considerar que o conjunto de fenômenos que advém da invenção e da experimentação dos processos midiáticos e da cultura midiática, terá cada vez mais fortes impactos sobre os procedimentos de investigação, sobre os paradigmas e modelos analíticos, atravessando alguns modelos formais, transformando-se também em novos objetos para campos necessariamente, não midiáticos. Novos objetos emergindo farão com que interpelações sejam endereçados aos diferentes procedimentos dos campos sociais, chamando a sua atenção para a emergência não só dos fenômenos, a serem transformados em novos objetos de estudo, mas sobretudo para a necessidade de que novos

protocolos metodológicos sejam inventados para dar conta das suas manifestações. Tais registros não podem ser ignorados, pois já se manifestam na própria agenda pública onde as mídias realizam suas próprias “políticas de auto-referências”.<sup>16</sup>

Também na esfera da agenda científica propriamente dita, isto não pode ser ignorado, conforme sugere Barbero: “As ciências sociais não podem ignorar então é que os novos modos de simbolização e ritualização do laço social se fazem cada dia mais entrelaçados com as redes comunicacionais e os fluxos informacionais.”<sup>17</sup>

Tais caracterizações impõem a necessidade de novos formatos de cooperação entre os pesquisadores da área da comunicação e de outras áreas, através de agendas que contemplem o estabelecimento de nova cultura de pesquisa.<sup>18</sup> A prática de uma reflexividade epistemológica no lugar da “burocracia epistemológica”, já aludida por Sodré, evitando-se assim que a comunicação permaneça como um mero objeto das velhas disciplinas sociais.<sup>19</sup>

Possivelmente, o principal elemento a se impor à agenda para os futuros programas de investigação em comunicação é a de que o chamado campo da comunicação produza reflexões sobre a compreensão do seu próprio “lugar de fala”, como possibilidade das práticas da inter e da transdisciplinaridade. Também para que estas empreitadas sejam sempre definidas pelas complexidades e exigências dos próprios fenômenos comunicacionais. As transformações dos fenômenos midiáticos de “objeto imediato” em “objeto dinâmico” operado pelo trabalho de mediação teórica e metodológica, tem, a nosso ver, como pré-requisito o fato de que os processos midiáticos requerem estudos como modos de operação intrínsecos à mídia [...]. A racionalidade epistemológica da comunicação deve ser buscada no seu modo de operação, peculiar e único. Isto é, os processos midiáticos precisam ser pensados em sua dinâmica interna de construção de sentido para a realidade.<sup>20</sup>

Os fenômenos midiáticos são portadores de singularidades, mas são atravessados e se constituem em operadores de muitas complexidades, cujos processos de compreensão não são propriedades e não podem ser interpretados e descritos por “casulos metodológicos”. Enquanto fenômenos interrogantes devem fazer trabalhar outras discursividades científicas através de protocolos que mobilizem a con-

strução de inventos investigativos. Nessas condições a metodologia estaria a serviço de um trabalho que transforme os sintomas em estratégias de desvendamento sem fazer subsumir o próprio objeto no processo de sua relação com a gramática metodológica. Que o objeto possa insuflar o método e também se submeter a necessários desvendamentos.

## Notas

1. MELO, José Marques de. A esfinge midiática. São Paulo: Paulus, 2004. p. 55.
2. BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. Texto proposto ao GT Epistemologia da Comunicação. São Bernardo do Campo, Compós, 2004. p. 2.
3. DILEMAS DA COMUNICAÇÃO. Wilson da Silva Gomes em entrevista a Mariluce Moura. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 82, dez. 2002.
4. SODRÉ, Muniz. Ciência e método em comunicação. In: *Epistemologia da comunicação*. LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org). São Paulo: Loyola, 2003. p. 308.
5. MARTINO, Luiz C. História e Identidade: Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. Texto apresentado em São Bernardo do Campo, Compós, 2004. p. 13.
6. GOMES, Wilson; MOREIRA, Sonia Virgínia. O estado da arte dos cursos brasileiros de pós-graduação em Comunicação. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo: Intercom, v. XXIII, n. 2, p. 129-130, jul./dez. 2000.
7. VERÓN, Eliseo. La semiosis social – fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1996. p. 25 e p. 35.
8. SODRÉ, Muniz. Comunicação – um novo sistema de pensamento. In: *O Campo da comunicação -caracterizações, problematizações e perspectivas*. Recife: Editora da UFPE, 2003. p. 114.
9. RODRIGUES, Adriano Duarte. O campo dos mídias. In: Raimundo Santana (org). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Teresina: Revan, 2000. p. 201.
10. BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. LUHMANN, Niklas. La realidad de los mass medias. Madri: Anthropos, 2001. POPPER, Karl. Televisão: um perigo para a democracia. Lisboa: Gradiva, 1995.
11. VERÓN, Eliseo. *Media and social perceptions*. Seminário Internacional na Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1997. p. 3.
12. *Ibid.* p. 7
13. AUGÉ, Marc. *Travesia por los jardines de Luxemburgo*. Barcelona: Gedisa, 1987. p. 44.
14. MATA, Maria Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. *Diálogos de la comunicación*. Lima: FELAFACS, n. 56, 1999.
15. VERÓN, Eliseo. *Conversación sobre el futuro de la comunicación*. Disponível

em: <[www.ubernet.com.ar/sitio/neuso9.htm](http://www.ubernet.com.ar/sitio/neuso9.htm)>. Acesso em : 03 abr. 2002.

**16.** Veja-se no Brasil recente a disputa das coberturas onde as revistas semanais duelam em torno do caso Ibsen Pinheiro. Istoé, 18/08/2004. Veja, 25/08/2004. Istoé, 1º/09/2004. Também a consagração do Jornal Nacional como tema dominante da edição semanal de Veja, em matéria de capa, edição de 1º de setembro de 2004. As novelas ocupam o mesmo destaque nas edições semanais das revistas cujas capas as transformam em assunto de referência (Istoé, “José Wilker Felomenal”, 16/02/2005. Revista Veja, “Senhora do Destino, novela das oito”, 09/02/2005).

**17.** MARTÍN-BARBERO, Jesús. Deconstrucción de la crítica: nuevos itinerarios de la investigación. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; FUENTES, Raul (orgs). *Comunicación: campo y objeto de estudio*. México: Iteso, 2001. p. 18.

**18.** FAUSTO NETO, Antônio. A pesquisa vista “de dentro de casa”. In: *Tensões e objetos*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

**19.** SODRÉ, Muniz. Ciência e método em comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 311.

**20.** GOMES, Wilson; MOREIRA, Sonia Virginia. O estado da arte dos cursos brasileiros de pós-graduação em Comunicação. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*

